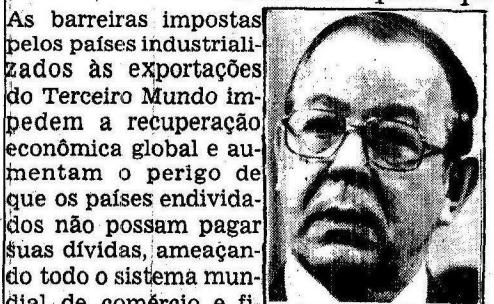


Presidente do Banco Mundial pede fim do protecionismo

Clausen quer que os países industrializados tomem providências na reunião de cúpula que realizarão, dia 7 de junho, em Londres.



As barreiras impostas pelos países industrializados às exportações do Terceiro Mundo impedem a recuperação econômica global e aumentam o perigo de que os países endividados não possam pagar suas dívidas, ameaçando todo o sistema mundial de comércio e finanças. Essa advertência foi feita ontem, em Detroit, pelo presidente do Banco Mundial, A.W. Clausen, para quem é preciso que os dirigentes das nações ricas tomem providências, em sua próxima reunião de cúpula (marcada para o dia 7 de junho, em Londres), para reverter o protecionismo e preparar o cenário para uma nova rodada de conversações sobre o comércio internacional.

Clausen afirmou também que a gravíssima situação econômica dos países em desenvolvimento não pode ser resolvida apenas com ajuda financeira, pois só a abertura e a liberalização comercial por parte dos países desenvolvidos permitirá o definitivo reiniício do intercâmbio mundial nos dois sentidos.

O discurso de Clausen ganhou mais força por ter sido pronunciado em Detroit, a capital da indústria automobilística norte-americana, que se vem destacando pelas pressões protecionistas que exerce sobre o governo Reagan. O presidente do Banco Mundial criticou essas "falsas ilusões" e convidou os empresários de seu país a ajudar o comércio mundial a se tornar cada vez mais livre.

Clausen lembrou que o comunicado final da última conferência de cúpula dos países ricos, realizada em Williamsburg (EUA) há um ano, pediu a redução das barreiras comerciais, mas essa retórica "não mereceu providências". Ao contrário, "as pressões protecionistas estão aumentando nos EUA e em outros países industriais. Será preciso rever as perspectivas econômicas internacionais na década de 1980 se os líderes falharem em mostrar a vontade política essencial para a liberalização do comércio mundial. As providências para reverter o protecionismo e preparar nova abertura co-

mercial precisam ser produzidas por uma demonstração clara e inequívoca das melhores intenções nos níveis políticos mais elevados", disse Clausen.

— A menos que este crescente protecionismo seja detido — avisou o presidente do Banco Mundial — os problemas econômicos e financeiros dos países em desenvolvimento só podem ficar piores. Mas nós, nos países industrializados, seremos também perdedores. Nossos exportadores encontrarão seus mercados estrangeiros mais e mais desaquecidos e nossos bancos dificilmente conseguirão reaver seus empréstimos no exterior. Como consumidores, todos nós seremos privados dos benefícios dos preços mais baixos de ampla gama de produtos que podem ser produzidos mais economicamente nos países em desenvolvimento. Nosso próprio crescimento será menor.

De acordo com Clausen, estudos mostram que os norte-americanos estão pagando de 500 a 1.900 dólares a mais por um carro, devido às restrições às importações automobilísticas, e de dois a quatro bilhões mais por ano por artigos de vestuário, em razão das cotas impostas às importações de roupas e produtos têxtils. Ele lembrou também os prejuízos causados pelas restrições às importações de aço e disse que "as indústrias, tanto automobilísticas como siderúrgicas, precisam se ajustar às condições comerciais em mudança. Continuar a proteger essas indústrias só pode assegurar seu declínio a prazo mais longo em termos de competitividade".

Menos barreiras

Enquanto isso, em Londres, comentava-se que, diante das pressões que estão sendo exercidas para que as nações ricas apresentem, após sua reunião de cúpula, uma maneira de desativar a "bomba-relógio" em que se constitui o endividamento latino-americano, os líderes possivelmente vão oferecer às nações em desenvolvimento uma redução das barreiras alfandegárias, para aumentar o fluxo financeiro de que elas precisam urgentemente.

Segundo as fontes, essa seria a única coisa que se ofereceria aos países do Terceiro Mundo, uma vez que não se chegou a um consenso sobre como impedir novas elevações dos juros internacionais, que o ministro francês Jacques Delors comparou a uma "espada de Dâmocles".